

O PALCO: revista teatral (Lisboa, 1912) – Propriedade da *Empresa de O Palco*, a revista saiu durante nove números muito ilustrados, de 5 de janeiro a 20 de maio de 1912.

Nesta altura, quase todas as **peças teatrais ou revistas exibidas eram cómicas, e/ou traduções**. A maior parte foi alvo de *notícias teatrais* de uma qualidade profissional superior. Escrevemos *notícia e não crónica*, porque a intenção *pura e dura* do seu corpo redatorial era informar o leitor mas não influenciá-lo. O texto da notícia também incluía o nome dos atores e das personagens representadas, a “Distribuição”, além do enredo resumido q.b., o “Entretcheo”, intercalado de fotografias/*clichés*.

Todos os números da revista apresentam **duas capas: uma sobrecapa não numerada, e uma capa primitiva** que faz parte da numeração total que contabiliza 144 páginas. Assim, cada número tem dois cabeçalhos ilustrados com desenhos e/ou fotografias de temática teatral. As sobrecapas, cuja função é proteger o exemplar, são de papel de gramagem superior às páginas interiores e ilustradas maioritariamente por fotografias de rostos de atores, como: “**Adelina Abranches** do Teatro da Republica (il. *Ilustração Portuguesa*)” no n.º 3, caricatura do “**Ator Cardozo** do Teatro do Ginazio (il. *Ilustração Portuguesa*)” no n.º 4, **Palmira Bastos** (il. *Ilustração Portuguesa*) no n.º 5, “**Chabi Pinheiro** (no *Ramon de Capichuela*)”, de corpo inteiro e caracterizado, no n.º 6, **Palmira Torres** no n.º 8 e **Tereza Taveira** no n.º 9.

A seguir ao título da revista, o corpo redatorial e artístico é a nossa primeira leitura, onde se menciona o nome da empresa proprietária, o *Director*, **E. Nascimento Correia**, o *Dezenhador*, **José Mergulhão** e o *Fotografo*, **Alberto Lima**. Só depois aparece o nome do *Editor* – **E. da Cunha e Sá**. Mais, lêem-se as moradas onde “nascia” este periódico: a *Redacção*, na *Rua da Vinha, 52, 1º* e a morada da *Administração e Oficinas de Composição e Impressão*, coabitavam no mesmo prédio, na *Rua de S. Marçal, 51, 1º* e, *51A-53A*, respetivamente. A morada também é a mesma para a **Casa E. da Cunha e Sá, Fundada em 1905, de Importação e Exportação** e que é o negócio comercial do editor desta revista. Publicita-a, com fotos do prédio e junta, em informação escrita, as outras dependências: *Succursal e Depositos, Armazem Fora do Consumo* em Lisboa, *Filial e Agencia Geral do Norte* no Porto e, *Agencias nas principaes terras da Provincia, Ilhas, Africas, India e Brazil* – moradas e telefones incluídos. Esta autopropaganda ocupa o espaço de todas as *capas posteriores*, menos a do n.º 2 que é destinada aos seus produtos: *O Palco no Carnaval: colaboração inédita dos melhores caricaturistas e escritores humoristas, 100 réis*; *Sonetos* por Eça Leal, 300 réis; *Do Hypnotismo á Aviação: 1º volume da Bibliotheca de Sciencias Psychologicas, 150 réis* e *Almanach Alegre: ilustrado para 1912, 100 réis*.

Daniel Pires escreve o seguinte sobre esta revista: “nove números muito ilustrados **com fotografias de Afonso Lopes Vieira, Alexandre Braga, André Brun e Júlio Dantas** [dramaturgos, etc.], e com **caricaturas** de Eduardo

Schwalbach e **Esculápio** [caricatura de Silva e Souza, n.º 2, p. 21], da **autoria maioritariamente de Amarelhe**. Colaboração ainda de **Alberto de Sousa**. Este periódico constitui um **fresco relevante e circunstanciado da actividade dramática da época**.¹

Os *preçários* aparecem cercados por flores e divididos por linhas horizontais. “**O Palco: assinaturas (Pagamento adiantado)**” informa os leitores das modalidades de preços. Assim, o **número avulso custa 60 réis**, a assinatura semestral para *Lisboa e todo o continente e ilhas adjacentes* soma 700 réis; a anual para os mesmos destinos geográficos e ainda as *Colónias portuguesas*, sobem ao dobro. Mais, o preçário das assinaturas anuais para os *Países da União Postal*, vai aos 1.600 réis e atinge os 6.000 réis para o *Brazil (moeda fraca)*. A seguir vêm: “**As Tabelas de Preços d’ Anúncios**”, que variam entre os 600 e os 5.000 réis, mas as *Repetições têm o desconto de 30%* e os *Anúncios Permanentes – Contrato Especial*. E também há preços diferentes para *Anúncios intercalados no texto*, os quais descem dos 9.000 aos 1.200 réis (Ver *contracapas interiores*).

Não foi difícil encontrar periódicos contemporâneos que anunciassem esta publicação, um deles no próprio dia do seu lançamento, como é o caso de *A Capital: diário republicano da noite*, que citamos: “**O Palco**. Foi posto hoje, à venda, este **novo quinzenário de teatros**, de que é director o nosso amigo Nascimento Correia, **luxuosamente editado pela typografia Cunha e Sá** [...]”². Outro periódico contemporâneo, *O Occidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*, depois de citar a ficha técnica de *O Palco*, menciona o “Numero 1 desta revista que se apresenta **nitidamente impressa, com grande variedade de artigos sobre teatros**, reproduzindo também algumas cenas das peças que estão sendo representadas nos nossos palcos, assim como retratos dos artistas.”³ Acrescentamos mais duas referências, uma da Fundação Mário Soares, na Internet, a qual se cita: “Sexta-feira, 5 de Janeiro de 1912. Publica-se em Lisboa a revista teatral *O Palco*”⁴ e outra numa monografia de entrada por datas, com a mesma frase.⁵

O puro e completo empenho artístico que encontramos nesta revista convidamos a incluí-la nas categorias de periódicos de **Imprensa Teatral e Artística**.

PROGRAMA EDITORIAL E RUBRICAS

“Caros leitores”, nome do texto “editorial” desta publicação, inicia-se assim: “**O Palco é um jornal feito com muita sinceridade**, com muito carinho, com muito amor.” E pede, mais à frente: “aplanai-lhe o melhor possível as dificuldades e assim provareis que, para a elevação deste modesto *Palco*, amais devotamente o outro, o verdadeiro, onde vos ezibis [sic] ou onde se exibem os vossos ídolos.” E, garantindo “**um ano d’ezistencia**”, termina assim:

¹ PIRES, Daniel - “(O) PALCO”. In *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940)*. Lisboa: Grifo-Editores e Livreiros Lda., 1996, p. 272.

² “O Palco”. In *A Capital*. Lisboa. N.º 516 (5 Jan. 1912), p. 3 (http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ACapital/1912/Janeiro/Janeiro_item1/P15.html)

³ “Publicações: *O palco: Revista Teatral*”. In *O Occidente*. Lisboa. N.º 1189 (10 Jan. 1912), p. 7 (http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1912/N1189/N1189_item1/P7.html)

⁴ Ver: <http://www.fmsoares.pt/aeb/crono/ano?ano=1912>.

⁵ RODRIGUES, António Simões (coord.) - “1912 [5 de Janeiro]”. In *História de Portugal em Datas*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, p. 271.

“**Garanti-lhe vós o resto**” (n.º 1, p. 2). Mas, a garantia foi só por cinco meses e os públicos-alvo deste jornal também não ajudaram.

O **espírito pedagógico** também faz parte do seu programa editorial, patente na **rubrica “Tipos”**. Inclui desenhos/tipos em posições aleatórias, numa só “moldura”. São 9 tipos no primeiro número, que tem a seguinte legenda: “Em todos os números daremos diferentes tipos, **por onde os artistas poderão escolher qualquer de que necessitem para as suas personagens**” (n.º 1, p.2). Esta rubrica não se publica no n.º 4, mas recomeça com uma tira de 3 desenhos (il. *Ilustração Portuguesa*) no n.º 5 (5 março, p. 72) e termina no n.º 6 (20 março, p. 91), cobrindo um total de 28 tipos. Outro exemplo é o artigo “Escola da arte de representar”, não assinado, que aconselha os premiados desta escola “a que **continuem estudando com afinco essa nobre arte [o Teatro] onde os próprios mestres sempre teem de aprender**, onde por muito que se estude, á sempre que estudar. Doutra maneira enfileirão ao lado das simples utilidades e não é delas que o teatro precisa” (n.º 1, [p. 1]).

Na primeira contracapa anterior, lê-se o seguinte anúncio: “**Assinai todos O PALCO que ele a todos interessa. Aos Artistas – Aos Amadores – Ao Público**”, dentro duma caixa de texto decorada por fitas. No entanto, “Amadores Dramáticos” é um artigo, não assinado, que quer “fazer justiça pelas suas próprias mãos” ao afirmar que é “**contra aqueles que fazem d’amadores dramáticos uma profissão**, concorrendo deslealmente com artistas e com empresas, dando constantemente espetáculos públicos, benefícios e até fazendo excursões pela provincia, contra **esses declaramos-lhe aqui uma guerra de morte** e podem estar certos de que lhe faremos o peor mal que pudermos. Dois d’esses amadores, cheios de vaidades balofas e despidos da mais leve parcela de senso comum [...], atreveram-se agora, primeiro em seu beneficio (!!) no teatro *Etoile*, depois em pleno *Teatro do Ginazio*, com reclamos e anúncios nos jornaes e cartazes nas esquinas como uma empresa legalmente constituída a estropiar mais uma peça *Os 20.000 dollars*, em concorrência deslealíssima, para não empregarmos outro termo mais feio, com o *Teatro Nacional*, que tem essa peça no seu reportório sem que a tenha ainda acabado de explorar.” E ameaça com a Associação dos Artistas que se encontra a fazer uma “revizão aos seus estatutos” (n.º 6, p. 90).

Os “**Sumários**”, sem referência a paginação, são publicados dentro de uma pequena caixa de texto retangular. Citamos o primeiro, ao qual acrescentámos, dentro de parenteses retos, dados que consideramos importantes para a sua leitura:

“Escola de arte de representar, 3 grav.
Tipos, 1 grav.; **O Sr. Freitas** [Teatro da Republica], 4 grav.
Fandango e Maxixe [Teatro da Rua dos Condes], 1 grav.
Os nossos concursos, 1 grav.
Coristas [o decano/mais velho dos coristas: Pae Coimbra], 1 grav.
Anedotas teatraes.
O Chico das Pêgas [Teatro Apolo], 3 grav.
Associação de Classe dos Artistas Dramáticos.
Auto da Barca do Inferno [Teatro da Republica], 4 grav.
20:000 Dollars [Teatro Nacional Almeida Garrett], 1 grav.
O Mano Augusto [Teatro do Ginazio], 2 grav.
Orquestra Portuguesa [Teatro da Republica], 2 grav.

As moscas [poema satírico].

A Princesa dos Dollars [Teatro da Trindade], 5 grav.

O Cântico dos Cânticos [folhetim teatral], 1 grav.

O Pae Paulino [Teatro das Variedades], 1 grav.

Expedientes diversos [A Moda: anúncio de chapéus]” (n.º 1, p. 2)

A rubrica **A Quinzena**, crónica crítica não assinada, que versava sobre as peças estreadas, inicia-se só no segundo número (pp. 20-21). Mas nos dois últimos parágrafos da do número seis, conta-se que o fotógrafo da revista é confrontado com a proibição de tirar fotos, e citamos: “**A Rua dos Condes deu-nos uma revista** de Gil Melo e Camara Manuel, música de Fortée Rebelo, **Ele aí está! de que não damos documentos gráficos**, mercê da pouca amabilidade da Empreza daquele teatro” (n.º 6, pp. 82-83). Este caso vai ser desenvolvido no número seguinte, na crónica crítica “Um Incidente”, espaço onde é divulgada uma foto colorida de uma cena daquela peça teatral e se lê que “**O Palco se não sujeita a desconsiderações**” e mais, “**A isso prefere acabar**”. E continua: “Bem sabemos que é difícil pedir a um artista, depois do seu fatigante trabalho de representação, quando aneia por descançar, que se demore um pouco mais, para pouzar em frente da máquina do fotógrafo.” Prossegue dando um exemplo: “Lá fóra, nos outros paizes, fazem-se ensaios jerais, quasi propositados para se obterem as fotografias”. E, afirma. Aqui não; aqui as dificuldades são enormes” (n.º 7, p. 102).

“A Quinzena” não podia desaparecer sem uma grande crítica à “**revista – mais uma –**”, na Trindade e no dia 29 [março?]: **Para inglês ver**, de Álvaro Leal, “um novo que promete ser alguém.” E continua: “Nesta revista fez ele uma coisa muito para admirar e para louvar: foi **entreter uma óra e meia, sem uma obscenidade! É cazo para o felicitar**” (n.º 7, p. 98).

Um **balanço da revista** é publicado no texto “O Palco”, a abrir o número cinco. Aqui, reforça-se que “não faltamos ao que prometemos” e que “o numero passado cauzou um verdadeiro sucesso”. E **agradece a “todos os que nos teem auciliado”**, principalmente os “empresarios, os artistas e todo o pessoal dos teatros, incluzivé os carpinteiros e comparsas de cena”, para “obter **os clichés precisos para tornar O Palco atraente e variado**”. E termina informando que “**os 4 numeros já publicados enceriram 123 gravuras todas de atualidade teatral** e, continuando n’esta proporção, ao fim do ano *O Palco* formará um lindo álbum com quazi 800 gravuras.” Uma previsão que não se concretizou, mesmo contando com a ajuda preciosa da *Ilustração Portuguesa*, outra revista contemporânea, que cedeu caricaturas e fotografias, e ainda cenas de peças do **Teatro Apolo**. Uma delas d’ **O pobre de Valbuena: farsa lírica** de Carlos Arniches e E. Garcia Alvarez, traduzida por **Acacio Antunes** [colaborador de *O Palco*], música de Valverde (filho) e Torregroza. Do mesmo teatro, outra fotografia cedida é a da peça **O diplomata dos figurinos: vaudeville**, de Scribe e Delvigne, traduzido por Acácio de Paiva e música de Filipe Duarte - “Representada em 6 de Fevereiro” (n.º 5, p. 71).

O **Teatro da Republica** também exibiu **O botequim do Felisberto**, tradução de Acácio de Paiva da peça “de Tristan Bernard, *Le Petit Café*, representada em 14 de Fevereiro” (n.º 5, pp. 72-73), incluía ainda sete fotografias, das quais uma também é facilitada pela *Ilustração Portuguesa*.

Três rubricas novas aparecem no número seis: “**O Palco no estrangeiro**” (n.º 6, p. 83; n.º 7, p. 107; n.º 8, p. 118; n.º 9, p. 141) e “**O Palco na província**” (n.º 6, p. 87; n.º 7, p. 109; n.º 8, p. 122; n.º 9, p. 138) e o “**O Palco em Lisboa**” (n.º 6, p. 89; n.º 7, p. 108; n.º 8, p. 123; n.º 9, p. 139), as quais noticiavam as peças teatrais que estavam em ensaio ou estavam em exibição. No número oito estreia mais uma: o “**O Palco no Brazil**” (n.º 8, p. 115; n.º 9, p. 140) mas esta era diferente porque fazia a reportagem lá, das *tournées* de companhias portuguesas. E no número nove, outra do mesmo género: “**O Palco no Porto**” (n.º 9, p. 139).

Inesperadamente, o leitor depara-se com um texto que anuncia **Júlio Menezes como o novo Director d’ O Palco**, porque o anterior, Nascimento Correia parte “no dia 28 [maio?] para o Rio de Janeiro, exercendo o seu lugar de diretor de cena a dentro da companhia Taveira”. Além de que a “correspondência relativa à **redacção** deve pois ser-lhe dirigida para a **Rua da Roza, 267, 4º**”. Mais, as fotografias dos “diretores” em molduras ovais aparecem rodeadas, assim como o texto, por uma cercadura em fita azul ondulante (n.º 9, p. 129).

Na página seguinte, o artigo “Onestidade artística”, não assinado, acaba com um “Bem ajam, pois, os nossos artistas e Ana Pereira”. Mas o seu conteúdo é muito sério e atual, pois “**nós temos ainda muito a mania do lá fóra!...**”. Refere que “o *lá fóra* só nos leva a palma em deslumbramento de encenações, em riquezas de vestuários e em belezas de cenários. A honestidade artística é por causa de uma companhia estrangeira, afirmando-se que “**nenhum dos nossos primeiros artistas – e olhem que os temos – seria capás de sair da sua terra acompanhado d’ uma companhia como a que nos apresentou Le Bargy** [o ator]. – Teria vergonha” [...].

CONTEXTO SOCIAL E HISTÓRICO

O Palco não parece uma revista publicada em 1912, no tempo da I República Portuguesa (1910-1926). Dois anos depois, os ideais republicanos já não estão na “moda”, uma vez que não encontramos uma única peça dramática que a eles se refira. Na política, as crises governativas sucedem-se e uma segunda conspiração monárquica é derrotada em Chaves.

Na Imprensa escrita, os caricaturistas estão na moda em 1912, principalmente depois da realização da *I Exposição dos Humoristas*. Chamamos a atenção para o **n.º 9 d’ O Palco, datado de 20 de Maio, que é o único posterior à data da I Exposição dos Humoristas de 9 de Maio**. Quatro meses antes, o **primeiro caricaturista a colaborar n’ O Palco foi Silva e Souza, no n.º 2, de 20 de janeiro**, com 3 caricaturas das seguintes personagens: *Dr. Alexandre Braga, Eduardo Fernandes (Esculápio) e Dr. Augusto de Castro* (n.º 2, pp. 20-21). No número seguinte, de 5 de fevereiro, aparece **Amarelhe** com a caricatura de *Eduardo Schwalbach* (n.º 3, p. 36).

No quarto número e seguintes, outros **caricaturistas**, alguns com desenhos de capa inteira, também colaboram n’ *O Palco*: **C.S.** (Cândido Silva, Júnior) na sobrecapa do n.º 4, única com caricatura; Silva e Souza (n.º 4, p. 62), **Alonso**⁶

⁶ SOUSA, Osvaldo Macedo de - “Alonso (J. G. Santos Silva) ... Colaborou ainda [no] *O Palco* ...”. In *História da Arte da Caricatura de Imprensa em Portugal: na República 1910/1933, vol. II*. Lisboa: Humografe/ SECS, 1999, p. 58.

(il. *Ilustração Portuguesa*, n.º 4, p. 53), **Alberto Souza** (n.º 4, p. 55) e Amarelhe (n.º 4, p. 56-57; n.º 6, p [81]). De referir, que estas caricaturas não faziam rir; eram desenhos de “retratos sérios” dos personagens, com realce para os elementos que o público reconhecia. Sabemos que as caricaturas eram encomendadas mas, desenhar “caricaturas sem graça”? Ou então, seria que os caricaturistas criticavam tragicamente, o teatro cómico?

O **postal ilustrado** serviu para a manifestação artística de grandes caricaturistas. É o caso de Américo da Silva **Amarelhe** (1892-1946), natural do Porto, que desenhou para a **Galeria Artística** duas séries de caricaturas de atores, atrizes, maestros, escritores e empresários ligados à vida do palco. **O Palco era também a revista teatral editada em Lisboa que publicou Amarelhe em 1912.** Segundo **Julieta Ferrão**, “ao examinarmos a obra de Amarelhe, verificamos que **as suas ‘caricaturas’ são retratos sérios... e os ‘retratos’ não passam de...inofensivas caricaturas**”(Exposição póstuma de homenagem a Amarelhe, 1946). Com grande poder de síntese, o artista conseguiu, de um golpe de vista, registrar notas particulares e, de certo modo, os temperamentos dos retratados.⁷

A **Galeria Artística** vem anunciada n’ *O Palco* assim: “**Grandiosa coleção de Postaes-Caricaturas do grande caricaturista Amarelhe, nitidamente impressos a côres**” e, especifica que são “caricaturas de actores, actrizes, maestros, escritores e empresários”. Em duas séries, na “**1.ª Série: Lucinda Simões, Medina de Souza, Palmira Bastos, Augusto Roza, Brazão, Chaby, Christiano de Souza, Inacio, Jozé Ricardo, Joaquim Costa, Luís Pinto, Roldão, Telmo, Schwalbach e Taveira**”. Na “**2.ª Série: Adelina Abranches, Amelia Barros, Angela Pinto, Auzenda d’ Oliveira, Cremilda d’ Oliveira, Conde, Correia, Maria Santos, Gabriel Prata, Henrique Alves, Luís Filgueiras, Luís Leitão, Nascimento Correia, Sá e Salvador Braga. Cada postal-caricatura, 30 réis**” (nº9, contracapa anterior).

Em relação ao *folhetim literário*, que se diferenciava do *folhetim-crónica*, ambos considerados estratégias de captação do público-leitor no fim do século XIX, a sua seriação era habitualmente compilada para uma edição em livro. Normalmente, esta produção era “à peça”, segundo a cadência de impressão ou outros reveses dos periódicos e ousámos chamar **folhetim teatral ao Cântico dos Cânticos: comédia** “ em verso, de Felice Cavalloti, **tradução livre de Acacio Antunes**”, a qual só não foi publicada no n.º 4. Fechou esta revista com o pormenor da palavra **continúa**, dentro de parenteses, **na última página numerada desta revista, a 144**, a contrariar o fim não anunciado tanto da revista como do *folhetim*⁸.

O folhetim literário dado à estampa nos periódicos veio alterar a prática da leitura do jornal/revista e aumentou o público leitor em geral, levando à leitura algumas pessoas que de outro modo não leriam. Outra vertente lê-se nas palavras de M. de L. Lima dos Santos: “A nível das relações entre texto e suporte, recorda-se que **a imprensa periódica se tornava, então, um suporte**

⁷ Ver: <http://www.brasilcult.pro.br/recordacao/paineis/painel12.htm>

⁸ FARIA, Maria Isabel, e PERICÃO, Maria da Graça - “Folhetim”. In *Dicionário do Livro: da escrita ao livro electrónico*. Coimbra: Edições Almedina, SA, 2008”, p. 561.

privilegiado, tido pelos contemporâneos como o meio civilizador por excelência”⁹.

ESTRUTURA GRÁFICA

Na nossa opinião, *O Palco* é uma revista “moderna” na apresentação das rubricas, no grafismo e na iconografia teatral fotográfica. De notar, que, apenas o primeiro número (5 janeiro) é impresso a preto e branco mas, as ilustrações das *sobre capas* e contracapa são coloridas, em tom sépia.

Cíclica, esta revista de 25cm de dimensão aparecia quinzenalmente, nos dias 5 e 20 de cada mês, exceto o n.º 8 que saiu passado exatamente um mês, depois do n.º 7 (5 abril). Cada número de *O Palco* contabiliza 15 ou 16 páginas e é impressa a duas colunas ou em texto corrido. A paginação dos seus nove números, continuada, à cabeça no canto direito, perfaz 144 páginas mas **não contabiliza as capas, as contracapas e os impressos originais dos concursos**.

A *ficha técnica* muda de estrutura por duas vezes, ou aparece dividida em duas pequenas caixas de texto nos n.ºs 2, 3, 5 e 9. Em todos os outros, os mesmos dados são inseridos numa única caixa, de formato retangular, ao lado do cabeçalho das *sobre capas*. Os preços, sem prova em contrário, mantiveram-se inalteráveis, apesar dos n.ºs 5 e 6 não os incluírem; apenas no n.º 6 se lê o preço avulso.

De destacar, a *sobre capa* do n.º 1 que apresenta uma gravura de excelente qualidade gráfica, assinado por **José Mergulhão**, então, com 24 anos. **Desenho figurativo de temática clássica**, sobre teatro. Podemos distinguir um palanque, semitapado pelo título principal: *O Palco*; um “rio” de atores caracterizados que desce a escada do *Monte Olimpo* (?) aproxima-se do leitor; à esquerda, quatro figuras maiores, três masculinas e uma feminina são deuses, porque só eles teriam a capacidade de criarem o teatro como “Arte”. Esta palavra surge separada do título complementar da publicação: *revista teatral*. José Mergulhão também publica um desenho em página inteira de homenagem “A Jozé António do Vale: *O Palco*” (n.º 6, p. 92).

CONTEÚDOS E COLABORAÇÃO

Os conteúdos não são modernos, ou seja, parece-nos que retratam um universo teatral parado no tempo do regime monárquico. O tema do adultério repete-se na rubrica “Anedotas teatraes” e nas peças de dramaturgia, como em ***As Nossas Amantes: comédia***, em 3 atos, original do Dr. Augusto de Castro e “representada em 3 de janeiro de 1912, no Teatro da República. Foi “em recita da atrás Adelina Abranches” (n.º 2, pp. 18-19). Ainda no mesmo teatro, exibiu-se *A melhor das mulheres*, “de Bilhaud e Hennequin, traduzida por Carlos Trilho – representada em 26 de janeiro” (n.º 3, pp. 36-37). A rubrica “A Quinzena” critica assim este tradutor: “**o sr. Carlos Trilho** que, como se sabe, **é um republicano histórico**, querendo continuar a ser agradável á Republica

⁹.BUESCU, Helena Carvalhão (coord.) - “Folhetim Literário”. In *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997, pp. 190-193.

deu, para o teatro da dita, **A melhor das mulheres** o que prova o seu desinteresse, porque, francamente, **se qualquer tivesse a melhor das mulheres guardava-a para si**” (n.º 3, p. 36). Crítica sexista que também mostra a ambiguidade do regime republicano através de um seu representante político.

“**O Retrato de Gil Vicente**”, crónica cultural não assinada mas ilustrada com a gravura que lhe dá o nome, é muito interessante porque **questiona a autenticidade da gravura** “para que outros não caiam no engano em que caiu Xavier da Cunha”. O seu argumento principal “é que a gravura **é em cobre, com todo o carácter da escola flamenga, muito mais delicada na execução** do que a que então se fazia em Portugal ...” e continua: “Essa gravura deve ser posterior a Gil Vicente uns cem anos” (n.º 2, p. 17-18).

Além de **Gil Vicente, o fundador do Teatro Português**, outros 3 dramaturgos portugueses são elogiados: “**Almeida Garrett, o Marquês de Pombal do teatro português**” (n.º 3, p. 33), “**Julio Dantas, o continuador que o não quer deixar morrer**” (n.º 4, p. 49) e “**António Pinheiro**”, o fundador da Associação de Classe dos Artistas Dramáticos (n.º 5, p. 65). Sobre esta associação também se publicaram outros artigos (n.º 1, p.7; n.º2, p. 23).

Interessantes são dois conteúdos interligados: um por causa da **proibição da exibição de polícias fardados** na comédia **00020 milhafres** de **Eduardo Fernandes (Esculápio)** no Moderno, que “**parodia a peça americana 20:000 dollars** de Paulo Armstrong com tradução de **Felix Bermudes** (colaborador de *O Palco*) e que era um sucesso no Teatro Nacional Almeida Garrett; o outro é o caso da “rubrica”: “**A Censura no Teatro: O Palco** entrevista alguns escritores populares”: Luís Galhardo, Pedro Bandeira e Esculápio (pseudónimo de Eduardo Fernandes). Esta “rubrica” continua nos dois números seguintes com os títulos: “Ainda a Censura no Teatro: entrevista com Leandro Navarro” (n.º 3, p. 35; n.º 4, p. 51-52; n.º 5, p.76).

O **número sete**, com o preço de 100 réis, será “o 1.º dos numeros extraordinários que nos propomos a fazer”. É **O Palco da Pascoa** e “trará uma **capa em tricromia** [tricromia?], representando a **estátua erigida a Taborda, em Abrantes**, cuja execução [sic] é um verdadeiro primor artístico.” Mais, gravuras com cenas e algumas das “personagens da **Casta Suzana**”. Também “trará em 4 **separatas, próprias para serem emolduradas, as caricaturas**, a côres, de **Augusto Roza no D. Cesar de Bazan, Jozé Ricardo nos Sinos de Corneville, Gomes Junior na Viuva Alegre e Nascimento Fernandes no Chico das Pegas**. Estas caricaturas são devidas ao **lápiz de Amarelhe**, um novo que os leitores já conhecem e admiram.” E “para o têsto onraram-nos com a sua colaboração **Julio Dantas, Acacio Antunes, Felix Bermudes e André Brun**” (n.º 6, contracapa anterior).” Esclarecemos que as 4 separatas de Amarelhe são folhas coloridas e de gramagem superior, não numeradas e intercaladas nas páginas da revista.

Os **concursos** são sempre importantes para o futuro teatral de jovens autores, como o “**Nº 2: um monólogo em verso para ómem**” mas existiam regras para concorrer, como o preenchimento dos boletins originais respectivos que constavam de uma folha solta, colada na revista. O primeiro lugar recebia 2.000 réis em dinheiro e o segundo, metade, além de ambos receberem outras oportunidades, entre elas **a publicação da obra premiada** (n.º 1, p. 9).

ANUNCIANTES

Muitos são os anunciantes da revista *O Palco*. Na área comercial/navegação, encontramos sempre estes dois anúncios: “**José António do Patrocínio**: vinhos, vinagres e aguardentes para Consumo e Exportação, Marca P. & F.”, em Marvila; “**José Roberto da Silva**: agente de Comissões e de navegação, Importação e Exportação – Expedições: Praia – S. Thiago – Cabo Verde”.

Em “**A Moda**”, rubrica e anúncio sem telefone, da **Casa A Elegante**: “creações feitas expressamente para *O Palco*”, “Chapéus para senhoras e creanças” na Rua da Palma, 39-41 (n.º 1, p.16; n.º 2, capa posterior).

No único anúncio de Artes Gráficas “**P. Marinho: Atelier Photo = Chimigrafico**”, na C. da Glória, 5, 1º - Lisboa, não resistimos a citar os seus “trabalhos em todo o género de gravuras, **autotypia**, **zincografia**, **chromotypia**, etc. **Especialidade em fotogravura ...**”. Interessante o nome destas técnicas, que hoje só são explicadas e praticadas em *ateliers* pedagógicos (n.º 2, capa posterior).

Os outros anúncios são produtos novos que são editados pela Casa E. da Cunha e Sá. O Livro *Os Malmequeres: contos*, por Tamagnini Barbosa, 300 réis. As duas obras seguintes só são anunciadas uma vez: *PÁTRIA e REPÚBLICA: obra de actualidade*, de Manuel Joaquim Gonçalves de Castro, “um folheto de 40 páginas, nitidamente impresso”, 100 réis e, *A Pharmacia em casa: 1º vol. da coleção de livros uteis a todos*, 56 páginas, 250 réis (n.º 9, capa posterior). Também não podiam faltar os produtos para escritório: o *Block-Memorandum*, com ferragem (700 réis), com block para 2012 (200 réis) e só com ferragem (600 réis); a *Agenda Portatil para 2012*, um volume cartonado, 120 réis e o *Calendario Reclamo de Portugal para 2012*, “contendo 366 vistas do continente, ilhas e colonias portuguesas, Preço 500 RS”.

Finalizamos esta ficha, constatando que ***O Palco* nos retrata o Teatro como uma mistura de duas correntes: a comédia vicentina, de Gil Vicente, e a revista de toiros e cavalinhos** (ou revista de costumes), famosa no tempo de **Rafael Bordalo Pinheiro, falecido em 1905**.

Socialmente, “ir ao teatro” era muito apreciado e isso infere-se da grande quantidade de peças teatrais, à volta de 23 diferentes, em 5 meses; só contámos as exibidas por profissionais e segundo os *sumários* publicados. Costuma-se dizer que “o que povo português quer é festa”, ou davam-lhe comédia para esquecer todas as desilusões políticas?

Por M. Helena Roldão

Lisboa, HML, 28 de Agosto de 2013.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

PIRES, Daniel – *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940)*. Lisboa: Grifo-Editores e Livreiros Lda., 1996.

FARIA, Maria Isabel, e PERICÃO, Maria da Graça – *Dicionário do Livro: da escrita ao livro electrónico*. Coimbra: Edições Almedina, SA, 2008.

BUESCU, Maria Helena (coord.) – *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

ANDRADE, Adriano da Guerra – *Dicionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999.

SOUSA, Osvaldo Macedo de – *História da Arte da Caricatura de Imprensa em Portugal: na República 1910/1933, vol. II*. Lisboa: Humorgrafe / SECS, 1999.

RODRIGUES, António Simões, coord. – *História de Portugal em Datas*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.

MATOS, Álvaro Costa de, e OLIVEIRA, João Carlos (Coord.) – “O JOGO DA POLÍTICA MODERNA!” *Desenho Humorístico e Caricatura na I República*. Catálogo da exposição. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa – Dir. M. Cultura – Grupo de Trabalho para as Comemorações Municipais de Cultura, 2010.